

Livro Primeiro de Lolita

**Que em Aracaju foi
mulher-dama,**

**benemérita
mão da caridade,**

**defensora das mulheres
e meninas**

**e a mais jovem dona de
bordel do mundo**

*“Etiqueta, elegância e beleza são completamente naturais em
Lolita. Finesse que vem de berço.
Morram de inveja, peruas!”*

Chiquinho Mãos de Seda – o maior decorador de Sergipe

*“Inteligência maior estou para ver. Bondade de coração,
nunca vi igual. E que incrível sensitiva!”*

Dr. Ariosto Menezes – advogado

*“Feliz da mulher que consegue vaga no castelo de Lolita. Tá
com a vida ganha, seu moço, e é pra todo o sempre”*

Alicinha Coxão, infelizmente preterida em
suas justas pretensões

*“Tão linda, que só causa sofrimento,
Tão cheia de pudor, que vive nua”*

Vinicius de Moraes

“A quenga mais linda do Universo!”

Reconhecimento popular nordestino

Prólogo

A história que se vai contar aqui, neste Primeiro Livro de Lolita, abrange o desenvolvimento embrionário e a eclosão do extraordinário fenômeno Lolita de Aracaju, hoje nacionalmente conhecido.

A narrativa mostra como uma menina do interior de São Paulo, nascida na acolhedora Brotas, cidade de esportes radicais, e que perde a mãe muito cedo, aos 10 anos de idade, vai parar em Aracaju, para se transformar numa lenda viva.

Lolita e, antes dela, a francesa Elise de Lammounier entraram para a história sergipana como as mais notáveis donas de castelo de todos os tempos. Ambas tiveram incríveis traços em comum. Elise foi dona de bordel de luxo com apenas dezenove anos de idade.

Cerca de doze anos depois que essa Elise se afastou do cenário da noite de Aracaju, a paulistinha, dona da beleza mais extraordinária que já entrou para o imaginário popular nordestino, estabeleceu-se no mesmo ramo, na mesma cidade, com a tenra idade de *dezesseis* anos. Merecedora de um registro especial no Livro Guinness dos Recordes, até o presente momento este não lhe fez a justiça da inclusão, como a mais jovem dona de bordel do mundo, em todos os tempos. Com o extraordinário detalhe que as duas mulheres foram donas das casas mais finas e sofisticadas de que se tem notícia, cada uma a seu tempo.

Porém, o que mais atija a curiosidade, a imaginação e a controvérsia, é a impressionante coincidência que envolveu essas duas mulheres numa mesma linha de ação, sem que elas

jamais tivessem se cruzado na vida. Reuniu-as a pessoa de Zezé, aquela

que foi o braço direito e a gerente do famoso castelo de Elise Lammounier – e a cujo tino administrativo esta iniciativa da francesa deveu muito da sua incomparável prosperidade.

Quis a fatalidade, o acaso, o destino, a vontade divina, as influências planetárias ou as intervenções dos espíritos – fique cada qual com sua preferência – que essa mesma Zezé, de volta a Aracaju após o passamento, aos sessenta e oito anos de idade, de sua chefe, amiga e protetora Elise, acabasse encontrando a futura Lolita em um hotel três estrelas do centro da cidade.

Enganada e roubada por um lindíssimo surfista carioca, a garota, com dezesseis anos incompletos, foi abandonada por aquele namorado no hotel em que, coincidentemente, Zezé trabalhava como arrumadeira, *factótum* e administradora prática informal.

É a experiente Zezé que reconhece o fantástico potencial da mocinha paulista para ascender à glória e à fortuna no mesmo ramo de negócios que fizera a fama e o grande patrimônio da francesa. Com uma hábil manobra e uma falsa paranormalidade, a arrumadeira consegue levar a menina para sua casa, para prepará-la para o que considera o seu evidente e irrecorrível futuro: *ser puta*. Mas as duas mulheres tomam-se de amores uma pela outra e desenvolvem uma sólida relação de amizade, tornando-se sócias no novo castelo, que surge exatamente no mesmo imóvel onde Elise começara sua carreira de sucesso: *Mon Petit Chateau*.

Os registros mais impressionantes desta história correm por conta da inexplicável relação entre as duas donas e estrelas de

bordel: Elise e Lolita. Há incríveis semelhanças entre as duas, menos físicas do que de comportamento e maneirismos. A história das duas mostra paralelos impressionantes e os mais místicos, os mais inclinados às idéias espiritualistas, não têm dúvida em proclamar que a mulher mais velha, já falecida, tem enorme influência sobre sua jovem sucessora.

Para a jovem e enlouquecedoramente bonita paulista, essa interação é uma certeza. Mas, para muitos outros, tudo não passa de uma série de felizes coincidências, facilitadas pelo elo em comum que as duas têm na figura de Zezé.

Isso é algo que não se quer decidir pelo leitor nesta narrativa. À medida que os hilários eventos se desenrolam, envolvendo uma mistura de erotismo com vários tipos de bons e maus ‘caratismos’, a crescente sensibilidade psíquica de Lolita começa a se manifestar com frequência.

Há algumas passagens bastante incomuns, como o golpe do cabaço, que Zezé e Lolita armam para o famoso Dr. Alcebíades Verruma, apelido do velho farmacêutico aposentado que, atuando como agiota, procura envolver viúvas e mulheres sem marido em sua teia de empréstimos a juros impagáveis. Com isso, busca receber certas dívidas na forma de cabaços de filhas, sobrinhas ou netas, desde que menores de quinze anos. O velho Alcebíades sempre se teve como o maior descabaçador de Sergipe, mas sua sorte mudou para pior depois que Lolita cruzou seu caminho.

Deixemos, pois, com o leitor a tarefa de seguir, passo a passo, a evolução da história da grande Lolita de Aracaju, desde São Paulo, com rápida passagem por Alagoas, até radicar-se em Aracaju, onde constrói sua carreira e se consagra em definitivo.

Olinto, tio e amante

Nossa história começa com um casamento e sua consumação. Há muitos e muitos anos, Nezinha, uma jovem ingênua de dezessete anos, casou-se apaixonada com Olinto, um homem de trinta e tantos, que já era dono de um pequeno armazém de secos e molhados, no bairro paulistano do Brás. O que a noiva tinha de inexperiente, o noivo tinha de farrista, beberão e devasso. Pode-se somar a esses predicados um notável grau de ignorância e de maus modos – estupidez, em resumo.

A festa de casamento entrou noite a dentro e Olinto noite a dentro bebeu. Aliás, é preciso não deixar de considerar que o noivo chegara atrasado à igreja, consequência de uma memorável noitada de despedida de solteiro, regada a muito uísque paraguaio legítimo, para o qual o único antídoto anti-ressaca é seguir bebendo – porém cachaça brasileira – durante todo o dia seguinte. O atraso do noivo não se deveu a um caso de impontualidade de bêbado, mas à infeliz circunstância que ele, dado o seu estado um tanto alterado de consciência, acabou errando de igreja. Ao invés de entrar na igreja católica do Brás no instante marcado, Olinto, à mesma hora da tarde de sábado, passou mais de trinta minutos esmurrando a porta fechada de um templo maçônico da Rua São Joaquim, na Liberdade, gritando impropérios contra o padre.

Felizmente, um dos seus companheiros de noitada passava de carro pela mesma rua e o reconheceu, vestido com o terno preto de noivo. Conseguiu colocá-lo no carro, não sem antes ligar para a casa de um primo, que seria um dos padrinhos do casamento religioso. A pessoa que atendeu ao telefone fez a gentileza de levar à noiva e ao padre a notícia de que o noivo

sofrera um acidente de carro, coisa de pouca monta, dentro de um táxi no qual rumava para a igreja. Foi a melhor explicação que o amigo encontrou, não só para o atraso, mas também para tentar justificar as grandes manchas avermelhadas que o noivo tinha no rosto e no pescoço – na verdade chupões dados por uma das alucinadas mulheres que estavam na despedida de solteiro, praticamente uma vampira sob os efeitos da maconha.

Dadas as devidas explicações, chegando o noivo ainda um pouco tonto por efeito de pretensos calmantes e anestésicos, o casamento foi realizado com mais de uma hora de atraso, especial condescendência do pároco para com a querida ovelhinha do seu rebanho.

Pois a ovelhinha foi para o altar do sacrifício lá pelas onze e meia da noite. O noivo a carregou no colo até o quarto, já na casa deles no Brás, a cem metros da igreja. Até aí, a expectativa da noiva se cumpriu. Mas, ingênua e totalmente despreparada para o que viria a seguir, o resto foi puro horror. O agora marido a jogou pesadamente na cama e foi arrancando suas roupas com enorme grosseria, reclamando que ela não ajudava. Assim que conseguiu lhe rasgar a calcinha, o homem jogou-se sobre ela e a possuiu com absoluta selvageria, grunhindo como um porco. Depois de gozar, ergueu-se e vomitou na cama, caindo emborcado sobre o próprio vômito, passando a roncar como um motor de barco.

Nezinha, apavorada, refugiou-se no banheiro. Naquela madrugada, enquanto tomava um banho infinito, lavando-se aflita por um tempo que lhe pareceu de horas sem fim, a menina tentou livrar-se da sujeira, da imensa, da nojenta sujeira de alguns poucos respingos de vômito que caíram sobre ela. Mas também queria ficar limpa da outra sujeira daquele homem brutal, a qual havia entrado para dentro dela. Inútil!

Engolindo o choro com raiva e indignação, compreendeu que aquela sujeira nunca mais sairia dela. Impregnada ficaria, para sempre, em sua alma, por mais que a esfregasse do corpo. Ali, sob a água quente que escorria mas não limpava, Nezinha encontrou no ódio a força para resistir, para sobreviver. Jurou que se negaria ao marido enquanto tivesse forças, seria essa a sua vingança contra a brutal indignidade do estupro a que fora submetida.

Jurou e cumpriu. Muitas e muitas vezes apanhou por causa disso. Duas vezes ele, bêbado, a moeu de pancada, precisando ela procurar o pronto-socorro. Mas Nezinha encontrou sempre forças para resistir à brutalidade do homem. Com o tempo, o marido se conformou. Podia se espojar com ela, pela frente somente, uma ou duas vezes por mês – cumprindo a esposa, assim, seus deveres conjugais. Com o passar dos anos, o marido passou a procurá-la cada vez menos. No armazém de secos e molhados ele tinha sempre uma ou duas meninas empregadas como ajudantes e com elas aliviava as necessidades.

Nas raras vezes em que a procurava, fazia-o à noite, no escuro, como convinha a uma senhora de respeito, sempre com a mesma cena rotineira:

- Apaga a luz e deita sem calcinha! Levanta a camisola e abre as pernas! – Coisa de um minuto, não mais, até que era fácil de agüentar, o desgraçado praticamente sofria de ejaculação precoce.

A sorte de Nezinha foi nunca ter ficado grávida. Um dos dois devia ser estéril. Gravidez era a última coisa que podia querer: ter um filho com aquele animal! Divórcio era-lhe impensável. Católica fervorosa, praticante, não podia se separar. Pela religião, devia servir ao marido e, ante a incompreensão de sua

família e de sua própria mãe, Nezinha fechou-se em copas. Só Padre Olegário, seu confessor, conhecia todo o seu tormento. Mas era um padre velho, conservador, tudo o que fazia era recomendar-lhe resignação, muita fé e orações. Um dia, na vida eterna, seria recompensada.

Resignada, submissa, Nezinha foi vivendo a vida. Não podia estudar ou trabalhar. O marido, ciumento, não permitia. Passeios? Só com as cunhadas ou a sogra. Com o marido, nunca. Nem ele convidava, nem ela aceitaria. Ele saía livremente, com amigos, com mulheres, sem dar qualquer satisfação. Era um homem jovem e fogoso, precisava de muita atividade sexual, segundo ele próprio explicava.

No décimo ano de casamento, Olinto trouxe duas sobrinhas órfãs para morar com eles, meninas mirradinhas de oito e dez anos, filhas de uma irmã recentemente falecida. Nezinha adorou a oportunidade de ser mãe e de ter companhia em casa. As garotas cresceram, encorporaram e, uns três anos depois, o marido e tio se pôs em cada uma delas, inaugurando-lhes os respectivos cabaços. E manteve essa situação com elas por uns dois anos, sem que Nezinha percebesse qualquer coisa.

Que ele pegava as mocinhas do armazém, as empregadas da casa, isso todo mundo sabia e Nezinha também. Essa era a parte boa, pois assim abastecido não havia o risco de ele querer importuná-la à noite. Mas, quando estourou o caso das sobrinhas, ela, mais experiente, achou que era hora de reagir. Desta vez Padre Olegário, escandalizado, lhe deu apoio, dizendo que era preciso dar um fim aos desmandos do sátiro, como passou a chamar Olinto. Contavam com a colaboração da menina de treze anos, que havia denunciado tudo. A mais velha, Maria Clara, de quinze, parecia gostar da situação e estava apaixonada pelo tio.

Nezinha arquitetou o plano com calma e precisão. Das sobras surrupiadadas do dinheiro das despesas, sempre superfaturadas, conseguiu contratar um detetive particular, desses que instalam equipamentos de espionagem. Com as meninas na escola, o marido no trabalho e as empregadas mandadas estrategicamente às compras, o homem teve tempo suficiente para instalar câmeras e gravadores no quarto das meninas.

Vendo e ouvindo o material, Nezinha compreendeu como o marido estabelecia suas táticas para freqüentar as meninas. Com as raras incursões diurnas foi possível gastar todo um rolo de fotografias. As conversas e sons foram gravados em gravador de rolo, profissional. A sobrinha mais nova foi impecável, prestou-se a tudo com a perfeição de uma atriz profissional, induzindo o tio a falar alto e aparecer em cenas de sexo bem no foco da câmera.

Depois de duas semanas, o material estava pronto. Duas cópias de tudo, a de Nezinha num cofre de banco, a de Padre Olegário no cofre da sacristia. Coube ao padre chamar o sátiro às falas. Ligou para ele, pedindo-lhe que viesse urgente à Igreja, havia algo em relação ao comportamento da esposa que ele precisava saber, ainda que, para isso, o padre tivesse que violar o segredo de confissão.

O marido chegou esbaforido, suando em bicas, exigindo que o padre revelasse logo o tal segredo de confissão. Só podia ser infidelidade da mulher! Queria saber o nome do cretino, quando tudo começara, como a mulher tivera a cara dura de enganá-lo e há quanto tempo o fazia. Havia de dar castigo exemplar aos dois canalhas, lavar sua honra de marido direito. Eles iam ver com quem tinham se metido.

O padre conduziu-o, pacientemente, a sentar-se próximo ao confessionário. Ali, sem dizer qualquer palavra, Padre Olegário retirou um envelope de sob a batina e estendeu-o ao marido furioso. Eram fotografias e transcrições de fitas gravadas. Muitas fotografias. Ele, Olinto, estava em todas, geralmente pelado, geralmente atracado com a sobrinha mais nova, no quarto dela. Na única transcrição que começou a ler, reconheceu suas frases e ditos chulos para a menina. Enfureceu-se ainda mais, agora querendo saber que palhaçada era aquela, como o padre tinha aquele material em suas mãos.

Nesse momento Nezinha saiu de dentro do confessionário. Era evidente quem tinha feito aquilo tudo. Mas como? Aquela mulherzinha burra, medrosa, como havia urdido toda aquela trama? Olinto esbravejou, ergueu o braço para espancá-la, mas o padre, com sinistra calma, avisou:

– Pedofilia, sedução de menor, com o agravante de ser sobrinha abrigada em sua casa. O senhor não acha que isso dá cadeia suficiente? Quer mais uns anos por agressão, com o agravante de ser dentro da minha igreja? E ainda tem a outra menina, que só tem quinze anos. Seu... seu... monstro!

Olinto deu um urro de fera acuada, compreendendo enfim a gravidade da situação em que estava metido e, dando meia volta, danou a correr para fora da igreja. .

Quando, uma hora depois, Nezinha e o padre chegaram em casa, souberam que Olinto havia passado ali como um relâmpago. Em quinze minutos saiu correndo, com uma mala na mão e a sobrinha mais velha na outra. Depois, foi o tempo de passar no armazém, pegar o dinheiro do caixa, cheques e promissórias do cofre. Montou uma caixa com vários objetos,

gêneros e livros contábeis. E saiu em um táxi que mandara chamar no ínterim, levando as bagagens e a sobrinha, toda sorridente e feliz. Para o aeroporto, revelou, depois, o taxista. Certamente, como tutor legal da menina, Olinto poderia levá-la em viagem consigo, sem qualquer problema com as autoridades. Sumiram no mundo.

Olinto adorou. Estava livre daquela megera. E, melhor ainda, daquele seu negócio que estava bichado, raramente dava lucro. Os seus poucos luxos eram sustentados pelo dinheiro dos impostos que sonegava há décadas. Tinha um monte de duplicatas e contas a pagar, vencidas e a vencer. Que ficassem para a mulher, azar dela. Sorria imaginando a surpresa dela ao descobrir a situação pré-falimentar do negócio. O bem-bom, dinheiro em caixa, depósito em banco, títulos a receber, isso tudo estava agora com ele. Ficasse Nezinha com o armazém, afinal era sócia nominal, o contador achara melhor assim.

A menina adorou. Estava, de fato, enrabichada pelo tio. Descobrir a glória do sexo na flor da idade, quando o tio a iniciou aos treze anos incompletos. Com vigor insuspeitado, máquina de gozar, fêmea jovem sempre em pleno cio, via ali a sua grande oportunidade: livrar-se da chatice da tia, da chatice da irmã, da chatice maior que era a escola, e ir embora com um homem cheio de dinheiro, louco por ela. Onde ia ele conseguir outra menininha da sua idade, ele já quase cinqüentão? Era bonita de rosto e de corpo, faceira e sensual, sabia da força que exercia sobre os homens, estava segura dos seus encantos. Olinto babava por ela, faria qualquer coisa que ela quisesse...

Nezinha adorou. Estava, num passe de mágica, livre do estrupício, do monstro, do peidorreiro, do mulherengo, do grosso. A casa de comércio agora era dela, haveria de aprender

a gerenciá-la e a tirar dela sustento para uma vida muito melhor. Estava livre da falsa da sobrinha mais velha do marido, ficava-lhe a mais jovem, de boa índole, a quem se afeiçoara bastante, pobre vítima do tio monstruoso. Assim não ficaria sozinha e a vida das duas se tornaria muito mais folgada e agradável. Foi dessa forma que, da noite para o dia, Nezinha se viu comerciante de secos e molhados.

E Olinto foi parar, com a sobrinha-amante, na Praia do Francês, em Alagoas, vinte quilômetros ao sul de Maceió. Alugou uma casa de temporada, para ele e para a “*filha mais velha*”. A esposa viria depois, assim que tivesse terminado de liquidar os vários negócios da família em São Paulo. Havia muito capital em jogo e talvez isso demorasse vários meses até se completar. Mas Olinto viera na frente, com aquela filha preguiçosa, que não queria saber de escola, paciência.

Pelo menos, já que não queria estudar, ia servir ao pai como dona de casa. Já ia fazer dezesseis anos e era forte e bem criada. Ele, Olinto, haveria de investir muito naquele lugar, podiam esperar, havia muito mais dinheiro para trazer de São Paulo. Mentir, Olinto sabia muito bem, afinal sempre se achara um comerciante muito esperto.

Foi assim que, de imediato, vieram lhe propor vários negócios. Olinto escolheu o de uma pousada pé-na-areia, à venda por um preço até que razoável. Deu algum dinheiro vivo de entrada, endossou alguns cheques e uma duplicata contra um cliente idôneo, assinou algumas promissórias e pronto! Era o mais novo hoteleiro das Alagoas.

Foram meses de puro encantamento. Lua de mel com aquela menina ferosa, cada vez mais ferosa, cada vez mais linda, cada vez mais exigente na cama. Olinto começou a ter dificuldade para acompanhar o fogaréu da garota, por mais que

fizesse, nunca era suficiente para ela. Parecia que tinha mesmo fogo no rabo. A pousada, por sua vez, não deu trabalho nenhum no começo, estava desativada e ainda não era temporada. Assim, Olinto conseguiu aprender na prática os macetes do negócio e, quando chegou o verão mesmo, estava pronto para dar conta do recado, com a ajuda da “filha” e de alguns empregados.

Mas aí começaram os problemas com a sobrinha/esposa. A garota, corpo explodindo em formas cada vez mais tentadoras, insistia em usar aqueles biquínis fio-dental, que todas as meninas de sua idade usavam na praia. O “pai” tentava proibir, rosnava sério na frente dos outros que filha sua não usava aquela pouca vergonha, Mas não tinha jeito, só se batesse nela. Mas quem diz que o homem tinha segurança para fazer isso? Aprendera a conhecer a sobrinha, voluntariosa e decidida. Não era como aquela pamonha da Nezinha dos dezessete anos, que apanhara dele desde a primeira semana de casados, que obedecia calada e assustada.

Sabia que, se batesse uma vez na menina, a perderia imediatamente. E para sempre. Isso era algo impensável, Olinto estava cada vez mais envolvido, cada vez mais apaixonado, vivia também num cio tremendo, mais ciumento que o pior dos Otelos, a toda hora tentando fiscalizar sua amada. Teve que engolir o fio-dental, os homens na praia se insinuando para ela, fazendo carga cerrada, apelando mesmo, o que parecia deixar a tirana cada vez mais contente, mais senhora de si, curtindo aquela situação de desespero do “painho”. Ela aproveitava a superioridade alcançada para pedir e cobrar coisas do tio/amante. Roupas, perfumes, calçados, bijuterias, idas freqüentes a Maceió, compras no Shopping Iguatemi.

E mais: Obrigou-o a ensiná-la a dirigir o *buggy* que ele havia

comprado. E a dar dinheiro para os PMs locais, para deixá-la dirigir, mesmo sendo menor de idade.

Pedi um salário pelo trabalho que fazia na pousada, no que Olinto viu algo vantajoso para ele. Ela estaria trabalhando de verdade, teria que cumprir horários e metas, obedecer ordens, enfim, trabalhar duro. E ele a recompensaria por horas-extras, acertos, metas alcançadas, ensinando-a assim a ser responsável e a gostar de ganhar dinheiro. E isso funcionou!

Por um tempo, ao menos. A menina se tornou cada vez menos freqüente na praia; à medida que a pousada se enchia de hóspedes, envolveu-se mais e mais com o trabalho e começou a guardar uns trocados, tão bem escondidos que Olinto nunca conseguiu descobrir onde ela os enfiava. O chato era ver os olhares e as cantadas dos hóspedes para cima da gostosa da “filha do dono”. Olinto queria engrossar, mas isso seria perder clientes na certa. Não era cego e podia perceber que os surfistas, os hóspedes jovens, todos passaram a dar preferência à sua pousada. Muitos deles mudaram de hotel ou pousada, ficavam até em lista de espera, aguardando uma vaga ali com ele.

Por mais que isso lhe doesse na alma, era evidente que a menina exercia esse fascínio sobre os homens, atraindo os rapazes para a pousada. Mas, por outro lado, não havia como não admitir que isso era bom para os negócios, era mais dinheiro em caixa. Tinha investido muito naquilo tudo, precisava recuperar o capital aplicado. E a temporada era curta. Então Olinto tinha que fazer vistas grossas e pensar no faturamento. Era o jeito. Além do mais, aquela fase de exibição na praia, de fio-dental, havia passado completamente. O melhor é que a sobrinha lhe assegurava, apaixonada, só ter olhos para ele, o grande amor de sua vida.

Sim, a garota parecia mais ajuizada, quase não saía mais da pousada, garantia que ele poderia ir confiante a Maceió, fazer as compras no Ceasa, no Mercado da Produção, no Bom Preço, nas peixarias maiores; e ir fazer os bancos na capital ou em Marechal Deodoro. Sim senhor, a sobrinha o estava surpreendendo, que evolução! Ficava tomando conta de tudo, ia se tornar uma mulher de negócios, quem diria, tão novinha – um *mulherão* de negócios e de cama, isso sim, pensava Olinto satisfeito e orgulhoso. Bendita Nezinha, bendito Padre Olegário, bendito detetive, bendito flagra. Só assim saía do inferno de São Paulo para o paraíso da Praia do Francês, onde encontrara a felicidade ao lado da mulher perfeita, que o adorava. E onde haveria de ficar rico!

Numa dessas idas semanais a Maceió, Olinto acabou se atrasando demais. Fora difícil achar o automático para aquela bomba da caixa-d’água grande, a do terraço. Quando chegou, tratou de aproveitar a luz do dia, que ia acabar em pouco mais de uma hora, para fazer troca da peça. Assim nem anunciou sua presença na portaria, subiu direto ao terraço sem falar com ninguém.

Quando foi desligar a chave de energia da caixa, já no terraço superior, seu olhar caiu no quarto 21, do segundo andar. Pela janela aberta, uma cena excitante o encheu de tesão. Dali de onde estava, viu um casal em plena relação sexual. Era o carioca do Gol vermelho, o cara do 21, um surfista, ele lembrava. O cabelão loiro escondia o rosto da mulher, que gemia e tentava segurar os gritos de gozo. Cada coxão! Olinto não agüentou, tirou o membro para fora e acompanhou a cena se masturbando. Aquelas pernas abertas, aquela maneira de gemer, aquela voz, aquele rosto que enfim apareceu... era ELA!!! Sua adorada estava ali, urrando e se contorcendo embaixo do carioca, cara de gozo e satisfação! Olinto gelou, ficou imóvel por um momento em que parecia

uma estátua de sal. Aí se deu conta do seu papel ridículo, de pinto na mão, vendo sua mulher ser comida, lhe enfiando os chifres na maior, com aquela cara de gozo que ele conhecia tão bem! Então não se controlou: do fundo do peito saiu um urro horroroso, assustador. E prorropeu a gritar:

- Puta! Desgraçada! Puta maldita!

A garota olhou para cima e reconheceu o tio transtornado. Avaliando o perigo que corria, saltou da cama como um raio e sumiu das vistas dele. Olinto se jogou na escada vertical, estreita e perigosa, que levava à caixa d'água, tentando descer os degraus o mais depressa que podia. A sobrinha, nua como estava, correu mais depressa pelo corredor do segundo andar e trancou por dentro a porta que dava acesso à escada do terraço da caixa.

Em seguida, pelados ambos, ela e o carioca correram escada abaixo, descendo os dois lances numa velocidade inacreditável, levando algo, lençol ou roupas, nas mãos, o rapaz tinha também a carteira e as chaves do carro. A moça correu rapidamente para os fundos do andar térreo, onde ficava seu quarto, demorando ali preciosos segundos, reaparecendo com um volume pequeno e mais algumas roupas e sandálias. O surfista, nervosíssimo, pulou nu para dentro do carro, ligou o motor e buzinou desesperado. A menina passou pela portaria e surgiu correndo, radiosa em sua nudez esplendida e total, para delírio dos homens que bebiam cerveja no bar em frente. Saltou dentro do Gol vermelho e o carro saiu cantando pneu pela passagem apertada deixada por tantos veículos ali estacionados. Por pouco, muito pouco mesmo, um caminhão de bebidas não bloqueia totalmente a passagem.

Foi preciso que o motorista do Gol usasse extrema perícia – ou tivesse sorte extrema – , conseguindo passar, em parte, por

dentro do bar. O carrinho voou, na conexão até a AL-101 Sul, onde, chegando à rotatória, tomou o rumo sul mesmo, rumo à Barra de São Miguel.

A cena no hotel e em frente a ele foi memorável, é até hoje importantíssima peça dos anais do Francês. Um presente para os olhos de todos – homens e mulheres – que tiveram o privilégio de assistir ao desfile daqueles corpos jovens e perfeitos, completamente nus. De lamentável apenas o fato de ter sido tudo tão rápido, tão na correria, não deixando mais tempo para a contemplação extasiada dos hóspedes, funcionários, fregueses e garçons do bar, meninos e meninas da barraca de lembranças.

Enquanto a seleta platéia se excitava com o espetáculo, Olinto berrava e esbravejava, socando a porta do terraço, tentando arrombá-la sem conseguir. Foi preciso que um empregado mais esperto atinasse em subir ao segundo andar e destravasse a porta. Mas não sem antes ter que vencer a resistência da cozinheira, romântica incorrigível, que não o deixava passar, no afã de dar mais tempo para o casalzinho fugir. Em sua cabecinha de novela, já imaginava Romeu e Julieta fugindo do pai impiedoso e carrasco, para viverem apaixonados e felizes para sempre, tão bonitinhos, formavam um par tão lindinho, duas crianças inocentes ainda!

Quando, enfim, Olinto chegou ao térreo, abriu o cofre com a mão tremendo e tirou dali um revólver 32. A seguir, arma na mão, pulou dentro do *buggy* e saiu cantando pneu também, fazendo a mesma manobra arriscada com as rodas do lado direito derrubando de novo mesas e cadeiras do bar. Saiu na carreira até o entroncamento onde, na rotatória, ficavam sempre alguns moleques a caçar clientes para os hotéis, pousadas, bares e restaurantes do Francês. Só dois deles estavam ali, naquele horário de fim de tarde.

Aquele não era, decididamente, o dia de sorte de Olinto. Muito pelo contrário, não bastasse a desgraça que lhe acontecera, uma outra viria agora se somar. Um dos dois moleques na rotatória de acesso ao Francês era Dito Boca Suja, o Ditinho, que fora funcionário de Olinto e que este mandara embora por justa causa, porque fora apanhado surrupiando pacotes de camarão do *freezer*.

O *buggy*, que vinha voando, guinchou os freios junto aos rapazolas. Aflito, Olinto perguntou aos gritos se tinham visto um Gol vermelho, com placas do Rio de Janeiro, entrar na AL 101. *Sim!*, disseram os dois ao mesmo tempo. *E para que lado foram?*

Nesse exato momento soou a hora da vingança para Ditinho:

– Entraram à direita, pro norte, tenho certeza, foi pra Maceió, corre que o senhor pega eles no caminho!

– A cuma... – começou a balbuciar o outro menino, mas um pisão no pé o fez engolir as palavras ligeiro.

– Pro norte sim, seu Líntu, num perdi tempo, voa si qué pegá ele!

Quando Olinto enveredou em direção a Maceió, Ditinho começou a rir sua risada diabólica, falando entre os dentes:

– Num sei o que qui hove, mas si esse coisa ruim precisa dum rumo, eu vô dá sempre otro, ora si vô!...

E foi assim, por essas e outras artes do demo, que Olinto saiu em busca da sua amada tomando um rumo exatamente oposto ao dela. Foi assim que Olinto, o pai severo, o pai que amava tanto a filha que lhe dava de um tudo, não lhe negava nada,

ficou sem sua filhinha.

Em Maceió, Olinto se finou em buscas e interrogatórios, foi de Herodes a Pilatos, numa procura tão caótica quanto desesperada. Só voltou no fim da tarde do dia seguinte, sonado, sujo, abatido, para ver como estava a pousada, que tinha ficado só nas mãos dos empregados.

Foi então que várias pessoas mais velhas vieram lhe prestar solidariedade. Que coisa horrível para um pai ver o que ele tinha visto, descobrir a descaração da própria filha desse jeito, passando esse vexame, os dois desavergonhados correndo nus na frente de todo mundo. E, pior ainda, como se sente um pobre pai se, além da vergonha pública, a filha, de menor, simplesmente foge com um homem mais velho, um estranho, pior: um carioca! Meu Deus, esse mundo está perdido!...

Perdido ficou Olinto. Perdíssimo. De amor e de dor de corno. Só sabia suspirar pelos cantos; quando o viam, tinha os olhos vermelhos e inchados de chorar. Nunca ninguém poderia imaginar que um pai amasse tanto uma filha, tanto sofresse por falta dela. As pessoas sentiam dó e solidariedade por aquele homem tão bom.

E o pai não se conformava. Saia todos os dias de manhã cedinho para Maceió, fazia agora buscas sistemáticas, mostrava fotos da filha, explicava o triste episódio de sedução e rapto da menina, uma criança ingênua ainda. Ia da Jatiúca ao Farol, da Ponta Verde ao Tabuleiro do Martins, vagava por toda a Durval de Góes Monteiro, percorria de carro e a pé a Robert Kennedy, revistou mais de uma vez, uma a uma, todas as barracas da feirinha de Pajuçara. Ia perguntando de porta em porta, de bar em bar, de hotel em hotel, de restaurante em restaurante. Mostrava sempre as fotos.

Quando dizia que o sedutor era carioca, a boa vontade dos alagoanos aumentava ainda mais. Todos queriam colaborar. Por isso davam-lhe informações as mais desencontradas. Sim, alguém se lembrava de ter visto aquela menina no Hotel do Sol, na Pajuçara. Outra pessoa jurou que a tinha visto lá para as bandas do Colégio Marista, no Farol. Um outro garantiu que não podia dizer nada da moça, mas que o carro, esse sim, ele podia jurar que o tinha visto, Gol vermelho, placas do Rio, só que estacionado na praia em Riacho Doce, ao norte de Maceió.

Na esteira dessa última informação, saiu de Maceió pela AL 101 Norte e foi pedindo mais informações. Isso o levou a fazer buscas em Riacho Doce, depois em Barra de Santo Antônio, em Japaratinga e, quando deu por si, tinha atravessado a divisa com Pernambuco, procurava o tal Gol vermelho que, com toda a certeza, estaria agora em São José da Coroa Grande.

Hora de voltar. Uma tristeza, uma depressão sem fim, abateram-se sobre o painho. A pousada? Bem ficava a cargo daquele empregado mais amigo, o que correra a lhe abrir a porta, o mais esperto de todos. O serviço continuava, mas o número de hóspedes minguou rapidamente, fazendo desandar o faturamento. Sem a presença radiosa da “filha do dono”, a rapaziada do surfe debandou, muitos retornaram descaradamente às pousadas e hotéis de onde tinham vindo. Mas... por quê? Será que a beleza dela tinha tanta força assim?

Não, não era uma questão de beleza apenas, mas de fofosidade, isso sim. O fato é que, quando o “painho”, umas duas ou três vezes por semana, passava horas em Maceió fazendo as compras da pousada, a “filhinha” escolhia um dos hóspedes e o brindava com uma cortesia da casa, um trato especial no quarto dele. E que trato!

O trato incluía todos os tipos de jogos na cama, demonstrações práticas do que é uma mulher multiorgasmática insaciável. Ninguém podia com ela. Ao mesmo tempo, a coisa toda não podia demorar muito, sempre um dos moços ficava na portaria, de plantão, esperando o momento de “painho” chegar de volta. Então o plantonista ia ao quarto do contemplado do dia e dava o aviso.

Dois minutos depois, solícita, a filhinha vinha receber o painho, que estaria sistematicamente descarregando e conferindo as mercadorias compradas. Não poucas vezes, correndo o risco de serem vistos pelos empregados, a mocinha fazia-lhe gestos obscenos, levantava a roupa, lambia a orelha de Olinto, passava-lhe a mão, acabava fazendo-o largar tudo para correr para o quarto dele, ardendo também de desejo. Justificava então aos empregados: era para contar as novidades de Maceió à filha impaciente, menina curiosa demais essa! Nessas ocasiões, era sempre assim: mimada demais, a filha não podia esperar o descarregamento das mercadorias, primeiro painho tinha que lhe contar todas as novidades da cidade grande.

De resto, as ausências de Olinto eram sempre judiciosamente comemoradas. De início a garota instituiu uma espécie de sorteio. Depois, achou mais justo fazer um rodízio, para que ninguém fosse prejudicado ou preterido. Era louca por surfista e os surfistas eram oito. O acordo tácito era rígido: ninguém podia comentar nada, nunca, pois o perigo evidente era a reação do pai, que a filha dizia ser violento e andar armado. Havia também um rígido esquema de cuidado com os empregados, para que as ausências da moça, de cerca de uma hora, às vezes até duas, não fossem percebidas como sistemáticas. Quem acabou estragando o acordo foi a própria garota, quando passou a se interessar cada vez mais pelo surfista loiro carioca. Os outros começaram a reclamar: aquilo

feria as regras do jogo!

Não adianta mesmo, comentavam entre si, mulher é tudo igual. Acabam sempre se apaixonando por um só; logo, logo vai querer dar só pra ele, a gente dança. Um pensamento terrível, aquele: ficarem sem seu justo e esperado regalo semanal, ah, que festival! Mas tudo isso era uma grossa injustiça para com a menina.

Em primeiro lugar porque, ainda que estivesse apaixonadíssima por um homem, ela nunca agüentaria ficar com ele somente. Coisa de temperamento, precisava variar. Mas não com sacanagem, com libertinagem: não aceitava ir para cama com mais de um cara, por mais que os surfistas insistissem que aquilo resolveria mais facilmente as pendências de escala e revezamento, simplificando o rodízio.

Depois, porque era também muito injusto dizer que ela estava apaixonada pelo carioca. Na verdade ela estava mais a fim dele por uma soma de razões: era o mais bonito e o mais alto, era o mais gostoso de cama e, principalmente, era o único a ter feito uma proposta para ela, demonstrando interesse em continuar a relação longe dali. O que o rapaz propunha era fascinante para a garota: ir embora com ele para o Rio de Janeiro, viver com ele em amor eterno e virar artista famosa. Como assim? Claro, ele tinha um tio muito famoso, assim com os diretores da TV Globo e com os donos do Canecão. Para ele era a coisa mais fácil inventar uma artista, pegar uma menina desconhecida e transformá-la rapidamente numa estrela. Aliás, era disso mesmo que ele vivia há anos, mais de vinte anos.

E ela tinha o que era fundamental: beleza, muita beleza. E picardia, também essencial. Quando ela entendeu o que era isso, ficou mais empolgada ainda. Ela tinha picardia, os homens gostavam disso, picardia era uma coisa boa. E ela

pensando que era uma coisa de circo!

Então ela era assim: tinha beleza, a tal da picardia e, como muito bem sabia, era gostosa demais numa cama. Que homem não ficaria babando por ela? Não via o *frisson* que causava nos surfistas, todos adoradores de uma rainha, bobos da sua corte? O tio famoso, o promotor de artistas, ia ser mais um. Só que, neste caso, ele, o sobrinho, ia estar de olho, não ia deixar que o lobo mau do tio papasse o seu chapeuzinho vermelho, afinal ele também estava apaixonado demais por ela. Tanto que lhe propunha fugirem juntos, juntarem para sempre os seus destinos, viverem felizes para sempre. Ele a amava tanto que, se concluísse que, para catapultar a carreira da amada, era preciso que ela desse mole para o tio dele, estava disposto a tolerar até isso. Prova de amor maior não podia haver, sacrifício supremo pelo bem da mulher de sua vida.

Tudo isso era música para os ouvidos da moça. Tornar-se uma artista famosa, entregar-se ao tio descobridor de talentos, assim com os diretores da Globo, que sabia como ninguém preparar uma moça para a profissão, contratando os melhores professores e professoras para burilar o talento em bruto, ensinar a dançar, cantar, representar, desfilar, posar, até mesmo a falar bonito. O que o tio tinha no Rio era uma verdadeira escola de *Misses*, uma usina de produção de artistas, só para moças muito, muito bonitas – desde que tivessem picardia, é claro. E isso tudo ela tinha de sobra, tinha tanto que até ele, um carioca escolado, vivendo numa megalópole com milhões de mulheres lindas, tinha parado na dela, estava babando também como um tonto, tão desatinado que queria era viver com ela, casar com ela, fazer qualquer coisa para ficar com ela para sempre. Para sempre!

Sim, aquela era para a moça a prova maior de sua inigualável força de sedução. Sua beleza atraía todos os homens, sua

picardia os deixava loucos. Imagina então os felizardos que tivessem o privilégio de provar as delícias supremas de sua cama, sua arte máxima de usar a bunda magnífica para enlouquecê-los! Sim, ela topava a proposta, ia para o Rio com o surfista, seduzia o tio e ficava com os dois, adorava variar; o coroa até que era bem ajeitado, o rapaz lhe mostrara umas fotos dele na praia: numa delas o tio estava lá, também segurando uma prancha de surfe, atlético, grisalho. Ah, iniciada pelo tio Olinto, ela tinha uma certa fascinação por homens maduros! E por homens jovens e bonitos, é claro, que ninguém é de ferro. Simplificando, o que ela tinha, no duro, era fascinação por homens, na verdade, mais especificamente, por aquela parte da anatomia externa deles que os fazia homens... No duro, era isso.

Por isso a garota dava um tratamento todo especial ao carioca, mostrava um afeto mais melífluo, coisa que não demonstrava com os outros, apenas objetos do seu desejo e fome de variedade. Tinha que fazer com que ele continuasse assim, babando, apaixonado, perdido de amores, preso pelo coração e pela chave-de-rabo que só ela sabia como dar, algo inato, ninguém lhe ensinara, aprendera sozinha, à medida que ia fazendo Tio Olinto ficar cada vez mais maluco por ela.

Ficaram os dois assim justos e contratados. Tão logo se aproximasse o fim da temporada e o carioca terminasse de competir no torneio de surfe do Francês, fugiriam os dois no automóvel do rapaz, deixando o tio a ver navios; literalmente, no Francês, a ver caiaques e *banana-boats*. Tio Olinto que se conformasse, tinha desfrutado até que demais das delícias da menina. Papara-lhe o cabaço aos treze anos incompletos (*Ai, delícia!*), acompanhara o desabrochar daquele corpão, se fartara a mais não poder naquelas ancas, naquela bunda, naqueles três buracos incomparavelmente sábios apesar da pouca idade, talento inato.

E Olinto? Desesperado, deu para beber mais e mais, quando o dia de buscas chegava ao fim, já noite alta. Começou a ficar em Maceió mesmo, não valia a pena voltar para o Francês todos os dias. O empregado era leal, esperto, sabia de um tudo, ficava como gerente, podia tocar tudo na sua ausência. Olinto supriria, por causa do carro e da experiência, apenas os mantimentos e materiais que tinham que ser comprados na capital.

Começou a botar anúncios nas rádios, contratou dez anúncios por dia na Rádio Gazeta e na Rádio Jornal. Começou a anunciar também na Gazeta de Alagoas, espaços de jornal de um oitavo de página, às quintas e aos domingos. Tinha certeza que, assim, a sobrinha havia de ouvir ou ler suas palavras. Nos anúncios dizia sempre a mesma coisa. Pedia “*Volte minha filha, papai lhe perdoa, papai lhe ama demais, não faça isso com seu paizinho*”. E dava um número de telefone, o do pequeno hotel econômico, duas estrelas, em que se hospedara na Rua João Davino, na Jatiúca. As pessoas se comoviam com aqueles reclames de jornal, a voz do locutor que gravara os textos para rádio se embargara de emoção, fazia certas pessoas sensíveis chorar, comovidas.

Mas, sabe como é a maldade humana... Os outros surfistas, em parte por que despeitados pelo triunfo do carioca (que, se não era dos melhores na prancha, provara ser o melhor na cama ou no papo, arrebanhara o troféu pelo qual todos eles trocariam de bom grado o que era oferecido no torneio do Francês - o corpaço daquela gata), em parte porque foram perdendo o medo de Olinto, por causa de suas ausências e de sua evidente decadência, acabaram dando com a língua nos dentes. É que o carioca, dois dias antes da fuga precipitada, havia revelado a eles um tremendo segredo, contado ao rapaz pela menina sob jura cerrada de não-revelação: Olinto não era seu pai, mas seu tio/amante/marido. Foi uma bomba entre os

surfistas. Mais cuidado agora: marido!

Sim, porque se pai de menina menor que tem arma já é um perigo, imagina *marido* corno, armado e violento! O risco agora era percebido como incomparavelmente maior. Um dos rapazes, o da última tarde antes do desenlace e da fuga, chegou até a brochar, passando a maior vergonha com a moça; mas ficou firme, não comentou com ela a causa do seu problema, que não era outro senão o maior cagaço, medo do tio/marido cabrão. Afinal, alguém tinha que manter a palavra, não era como aquele carioca linguarudo.

Mas, sabe como é a maldade humana... Os outros surfistas, despeitados, abandonados pela musa em fuga, passados para trás pelo desgraçado do carioca, acabaram mesmo dando com a língua nos dentes. Perdendo, com o passar do dias, o medo de Olinto, abandonada a pousada, aquele muquifo, agora sem o seu atrativo de primeira, começaram a contar a história do tio cornudo nos bares, nas rodas de chope, na beira da praia. Em poucos dias a notícia se espalhou pelo Francês inteiro como rastilho de pólvora: *Sim, Senhor! Um Serial Killer dos cornos!*

Com isso, o conceito de Olinto caiu verticalmente, rebaixado de pai sofredor a tio/marido cabrão. O desgraçado havia enganado todo mundo, fizera da sobrinha menor de idade sua amante, viera fugido de São Paulo, não havia nem esposa nem enorme capital para chegar com ela. Mentiroso! E tarado, desencaminhador da própria sobrinha!

E pior: corno! *Multicorno*, a bem da verdade, era traído em grupo, numa ação entre amigos, todos comendo da mesma fruta, prodigamente ofertada pela sobrinha. Sim senhor, que bela putinha era aquela sobrinha! Putaça, ninfomaníaca... Mas o pior ficava para Olinto mesmo: cabra mentiroso, safado,

pedófilo (“*Êita nome mais isquisito pra comedor de criança, ó xente!*”). Ser corno ali nas Alagoas, pegava muito mal. Multicorno e mentiroso, então!...

Quando Olinto chegou ao Francês, depois de ficar uma semana direto em Maceió, tendo o empregado fiel que se virar com as compras, dando despesa de táxis, encontrou muita, muita coisa mudada. A temporada entrava em sua última semana, o lugar estava se esvaziando rapidamente, o faturamento ia acabar e havia muita dívida pela frente. Mas o mais estranho era agora o olhar das pessoas, antes tão solidário e agora visivelmente desrespeitoso, quando não francamente hostil.

Entendeu a situação toda quando um molequinho, vendedor de sorvete na praia, gritou-lhe de longe, já a correr:

– Aí, véio corno! Cumendo a subrinha, hein?!

Olinto quis correr atrás do abusado, mas dois garçons-mirins da barraca ao lado o dissuadiram:

– Vai não, Seu Líntu! Todo mundo aqui já sabe da presepada. Vai sê pió, o pai daquele é pescadô. Todo mundo já sabe qui é sua subrinha, sua mulé, não é sua fia. Vai não, vai sê pió...

Pior? O que podia ser pior? Ela já não tinha ido embora? Ele já não estava desmoralizado agora? O que podia ser pior?

Bem, foi o que descobriu ao entrar na pousada. O tal do empregado de confiança, o mais esperto, tinha fugido um dia antes, levando o dinheiro do faturamento da semana mais o das compras também. No cofrinho, só contas a pagar. Mais essa!

Mas havia o dinheiro do Banco do Brasil. Não era muito,

mas esse estava seguro. E também o dinheiro maior, o saldo das economias que estava escondido na caixinha que eles, tio e sobrinha, haviam enterrado sob uma lajota solta do quarto de despejo. Raciocinou rápido: a situação estava insustentável. O negócio, que já não ia muito bem, agora estava estourado. As contas a pagar até que dava para encarar, com as reservas, o dinheiro guardado na caixa enterrada. Mas havia também as prestações a pagar pelo imóvel e pelo fundo de comércio, como ia fazer com elas?

Não, não ia botar dinheiro bom em cima de dinheiro ruim, era melhor perder o valor da entrada que dera e da primeira prestação que pagara. O proprietário anterior que ficasse com o imóvel e o negócio. Não ia ficar tão no prejuízo quanto ele, Olinto.

Juntou o que deu para colocar no buggy sem levantar suspeitas, dizendo que ia passar outra semana em Maceió à procura da filha... Quer dizer... dela.

Em seguida entrou no quarto de despejo, fechou a porta com cuidado, usou a chave de fenda grande para levantar a lajota e remexeu a terra solta. Ah, ali estava caixinha, a sua bendita caixinha, com o resto que restava do seu capital paulista. Era embolsar o dinheiro e... E a caixa estava VAZIA!

Vazia, propriamente, não. Dentro havia uma folha de papel dobrada, com uns garranchos escritos tortos por linhas tortas:

“Amorzão: Desculpe, mas não dá mais. Foi bom, mas vou cuidar de mim. Agora você já sabe que eu fugi. Vou para o Rio de Janeiro, vou virar artista, você vai ver, ainda vai ter orgulho de mim. Está tudo certo, a pessoa vai conseguir um contrato pra mim. Me perdoe, vou levar estes nossos trocados para o meu futuro, sabe como é. Você é esperto, tem a

pousada, vai ganhar muito mais, tem no banco, não vai lhe fazer falta. Não tente me procurar. Me compreenda, por favor. Te amo”

E a assinatura, letrinha deitada, inconfundível, aquele nome adorado... Sim, ela dela mesma... *Maria Clara!*

Golpe final. Um autômato, um zumbi de olhos perdidos no infinito saiu da pousada, entrou no buggy, olhou longamente para o prédio, para o bar, para a barraca, para o mar e sumiu para sempre da Praia do Francês. Sem muita força para reagir, Olinto deixou-se ficar no hotel da João Davino por mais alguns dias, ainda não havia perigo de os credores virem atrás dele. Foram dias amargos, de desilusão total com a vida. Com a sobrinha, acima de tudo.

Aquela fora a única mulher na vida que ele havia amado de verdade. Nunca sentira nada assim por ninguém no mundo, em tempo algum. Quando casou com Nezinha, também adolescente, queria era ter uma mulher fixa e uma empregada doméstica gratuita, submissa, que lhe fizesse a comida e lavasse a roupa. Mas Nezinha era chocha, sem graça, bonitinha, mas sem tempero, não dava tesão. Mas isso, achava Olinto, não era coisa para se ter pela própria esposa, para isso havia todas as outras mulheres, inúmeras, à disposição na cidade grande. Sempre podia conquistar ou pagar por diversão. Esposa era outra coisa, coisa séria, de respeito; e aí, só casando com moça virgem, o que Nezinha era de fato, a sangueira no dia não havia deixado qualquer dúvida. Mas era também inexperiente e cheia de medos, de não quero isto, não quero aquilo. Cansou de descer o braço nela, mas não houve jeito de comer-lhe o rabo, nunca! Na frente, liberado. Atrás, jamais. Acabou se conformando e, com o tempo, passou a ter completa indiferença por aquela mulher chocha e fria, cada vez mais fria.

Mas a sobrinha, a única mulher a que amara de verdade, o traiu e roubou, precipitando-o no inferno depois de mostrar-lhe o céu. A isso, Olinto achou que não podia resistir... E estava certo!

Lolita de Aracaju

O nome da sobrinha/amante/esposa/filha de Olinto da Nezinha? Isso pouco se mencionou, nem tem importância saber. Afinal, se um nome é importante para identificá-la, fique-se com este que acabou sendo o seu mais que afamado nome de guerra: *Lolita de Aracaju!* Que caia no esquecimento a paulista Maria Clara Gueiros.

Esta história sergipana começa quando uma menina taluda, bonita, gostosa como só, chega a Aracaju, noite alta, com um rapaz loiro, surfista, carioca, dentro de um automóvel Gol, com placas do Rio de Janeiro. Vinham fugidos os dois.

Fugidos do tio da garota, um quase cinquentão que, na verdade, era seu amante há uns três anos, e que ficara nas Alagoas, a definhar de dor de amor, de dor de corno e de falta de dinheiro. Dinheiro esse dignamente surrupiado por sua amada sobrinha, que tinha dado no pé levando o grosso das economias dele.

O caszinho do Gol vermelho era bonito de se ver. Ele um rapaz atlético, porém delgado, dono de um corpo bronzeado perfeito, encimado por uma juba loira de amplos cabelos encaracolados; enfim, o típico clichê do Menino do Rio. Ela, uma formosura incomum, morena de pele alva, rosto belíssimo, cabelos pretos, olhos castanhos cor de mel, olhos de pura malícia, de veneno, de sedução. E o corpo? Ah, aquilo não era corpo, era abismo, corpo que homem olha e se desespera, chega a doer de vontade, seu moço.

Traziam propósitos distintos. Ela entusiasmada com as propostas do rapaz, decidida a ser artista famosa no Rio de Janeiro, para onde ele a levaria ao final da viagem. Na Cidade

Maravilhosa ia se tornar artista e dividir a cama com o surfista e um tio dele, um coroa charmoso, bonitão, morenaço em plena forma e, muito mais importante, um sujeito famoso, assim com os diretores da TV Globo e com os donos do Canecão – segundo lhe contara, repetidas vezes, o sobrinho loiro. Bastava manter o rapaz seduzido aos seus pés, fazer a mesma coisa com o tio e convencê-los a compartilhar a mesma mulher com todo amor familiar, fraternal. É claro que, sendo famosa, não ia ficar para sempre presa a esses dois sujeitos, o Rio de Janeiro e seus homens acabariam por rastejar a seus pés de deusa. Bem se vê, o rapaz fizera um excelente trabalho com o ego da menina!

Ele, o anjo loiro, tinha idéias um pouco diferentes. Estava pensando em aproveitar ao máximo as carnes da mocinha, realmente uma fogaosa de primeiríssima, talento inato claramente por ele percebido, ao primeiro olhar, numa pousada lá na Praia do Francês. *Essa aí*, revelou de imediato seu olho clínico e experimentado, *tem tudo para ser uma jóia da minha coleção. Tem jeito, instinto, veneno, beleza, picardia*. Depois que provou da fruta, mais convencido ficou sobre a vocação da garota: era um espetáculo na cama, fazia coisas que nem se imagina, era puro talento e explosão em movimento. Além disso, pôde constatar, como membro de uma equipe de revezamento, que essa não era e nunca seria mulher para um homem só. Em resumo, uma jóia em bruto, competindo-lhe apenas lapidar aquele talento e convertê-la em uma fantástica profissional – do *sexo*, é claro.

O carioca com cara de anjo era jovem, mas não era bobo, não senhor. Aprendera a se virar desde cedo, a explorar meninhas menores de idade, bem novinhas, graças ao aprendizado precoce da Arte, absorvida com zelo e encanto junto a um tio cafetão bem sucedido, um gostosão com duas décadas de boa administração de mulheres jovens na Lapa e

no Humaitá. Podia-se dizer que era mesmo um homem famoso, respeitado nas rodas de profissionais do sexo – gigolôs, cafetinas, prostitutas, cafetões, policiais.

Depois que o sobrinho se tornou maior de idade, face a sua definitiva guerra com os estudos e sua paixão incontida pelo surfe e pela vagabundagem, o tio reconheceu o potencial do menino e resolveu assumir suas responsabilidades de irmão mais velho da mana do peito: iria transmitir ao molecão as lições preciosas e altamente secretas da profissão, transformá-lo em um gigolô primeiro e em um cafetão depois. Começaria por aprender a explorar coroas mal-amadas, a parte mais fácil do aprendizado. O rapaz aprendeu de imediato a fazer isso e chegou a ganhar um carro usado de uma das duas “treinadoras” que havia conseguido.

Mas o tio teve que dar uns bons cascudos no aprendiz quando este, vendo a moleza que era o negócio, resolveu partir para os anúncios de jornal, como garoto de programa.

– Seu merda! Nem bem começa e já quer cair na profissão mais fácil e mais ordinária, seu putinho de última categoria! Não é pra isso que eu tou te preparando, seu babaca! Não é você que tem que dar o rabo, são as mulheres que tem que dar para te sustentar, ó toupeira. Tu já viu, ignorante, cafetão bem sucedido, com uma penca de mulher na praça, ser garoto de programa?

E, ato contínuo, desceu o cacete no sobrinho de novo, com mais vontade, avisando:

– Quando essas equimoses desaparecerem, volta aqui, com o rabo entre as pernas, humilde, que eu vou te dar só mais uma chance. Ou tu vai viver no regalo que nem eu, com apê próprio e carro do ano, muita grana pra curtir a vida, ou vai descambar

logo numa vidinha apertada de michê de segunda. Acorda, idiota, ou tu acha que essa belezinha de agora dura pra sempre? Assim que envelhecer um pouco, tu não pode mais contar com ela, se tu não tem domínio sobre uma ampla nação de putas, tu tá é desgraçado. Quanto mais velho, mais mulher tem que ter! Entendeu ou quer apanhar de novo? Agora some!

Bendito tio Luizão, benditas cacetadas! A lição valeu, valeu para o resto da vida do rapaz. A partir daí, tornou-se um estudante exemplar, dedicado, um aprendiz apaixonado pela perícia do mestre, seguindo ao pé da letra todas as suas instruções e determinações, por mais estapafúrdias que lhe parecessem às vezes. Visto que, quanto mais estranhas elas eram, mais resultado positivo acabavam dando.

Dessa forma, ainda antes de completar vinte e cinco anos, o rapaz tinha agora uma situação invejável. O carro ainda era um Gol, mas era zero, era dele e fora comprado à vista. Apê ainda não dava, o tio também não concordava com nada comprado a prazo. *‘Otário paga juro, esperto recebe juro’*, era uma das suas frases de efeito preferidas. Incitava-o a juntar dinheiro, aumentar a qualidade mais que a quantidade do seu plantel de *colaboradoras*, como as chamava. Com isso, aprendendo a aplicar bem o dinheiro, em algum tempo poderia ter o suficiente para comprar algum imóvel na bacia das almas, de algum desesperado ou falido. Essa era outra regra de ouro do tio: *‘otário compra mal, esperto compra bem, na bacia das almas.’*

Devia ser tudo verdade e o melhor era seguir o ensinamento aqui também. Tio Luizão, ao completar uns doze ou treze anos de profissão, já tinha amealhado um bom e sólido patrimônio. Nem por isso, desde então, descuidara da gestão eficiente dos seus negócios. Percorria diariamente as boates e os calçadões, conferia o movimento, recolhia a fêria, dava agrados às mais

esforçadas, punição às relapsas ou desonestas (que ousassem!), acertava as caixinhas com os olheiros, os aliciadores de gringos, os PMs, os policiais civis e os seguranças que davam cobertura total e garantia de trabalho às suas colaboradoras. Mulher que trabalhasse para Luizão sabia que estava segura, ninguém ia se meter a besta com ela, nem homem, nem mulher.

Qualquer perigo maior, um cliente se fazendo de engraçadinho na hora de pagar, um boçal querendo apelar para a ignorância e dar porrada, uma mulher ameaçando puxar navalha na hora do ciúme ou da concorrência, bastava a colaboradora pronunciar a frase mágica: *Eu sou do Luizão!* Isso era mais que suficiente, tal a fama do bom cafetão na proteção do seu rebanho. *Quem anda direito com Luizão*, diziam as próprias mulheres dele, *tem a vida garantida e o trabalho também*. Como um *“bom e generoso”* empresário, ele estava sempre atento às reais necessidades das *“funcionárias”*. Mulher de Luizão não passava necessidade. Se adoecia, tinha plano de saúde garantido, arranjos do patrão feitos por fora com gente dos hospitais públicos: era consulta, internação, remédio, cirurgia até, tudo de graça, sem fila, sem espera. Puta de Luizão tinha medicina de primeiro mundo. Afinal, dizia, consciente, o empreendedor: *de que vale uma funcionária com problemas de saúde nesta profissão?*

Uma outra coisa que Luizão fazia era acompanhar a descida, o inevitável descenso de categoria que era inerente à carreira: começo nos anúncios, fase intermediária nas boates, final de linha no calçadão. Se a mulher fosse legal, reconhecida e trabalhadeira, Luizão lhe acompanhava toda a curva descendente, tratando de ampará-la, material e psicologicamente, a cada novo rebaixamento. Se não fosse burra a ponto de recusar conselho, podia até fazer um certo pé-de-meia na fase inicial, durante os anos bons da adolescência e

mocidade. Luizão mandara forjar penças de identidades falsas, meninas de quinze, dezesseis anos, tinham facilmente documentos de maior de idade e podiam trabalhar desde muito cedo, quando o viço da adolescência atrai os clientes mais generosos. Fora isso, as meninas tinham aulas de práticas, higiene e segurança sexuais, maquiagem discreta (*Mulher minha não pode ter cara de puta!*) e boas maneiras. Ficavam putas finas. Enquanto adolescentes, seus cachês eram caríssimos, os lucros proporcionados por elas a Luizão também.

Nessa fase ele tinha o maior trabalho, tentando fazer a cabeça das meninas para o efêmero da fase áurea da profissão. “*Não adianta*, mostrava ele com paciência de pai, de tio, de irmão mais velho, de amante, se fosse preciso apelar para o emocional, fazendo uma daquelas putinhas se apaixonar por ele, *não adianta que essa época passa logo, dura muito pouco tempo, vejam os anúncios das meninas de programa nos jornais, todas escrevem que têm dezoito anos, que são iniciantes. Tá na cara que isso é mentira, é impossível. Então vocês têm que aprender a ter juízo é agora e aprender a poupar dinheiro. Daqui a dez anos, você não vão estar faturando nem vinte por cento do que podem fazer agora.*”

E, com a sabedoria dos anos em que centenas de mulheres haviam iniciado e terminado a carreira sob suas vistas, as avisava:

– Não engravidem, não tenham criança para os outros chamarem de filho da puta. Esperem até terem juntado dinheiro e poderem se aposentar. Para quem tem juízo nesta profissão, a aposentadoria pode vir cedo. Aí vocês podem pensar em filho, até mesmo em marido. E olhem que, se agirem direito, não vão ter ainda trinta anos.

E, coerente e digno, Luizão fazia o acompanhamento de suas colaboradoras e protegidas, ajudando-as a formar o tal pé-de-meia e a investirem suas economias. Tinha até um fundo de ações dirigido com amplo sucesso por um importante corretor da Bolsa de Valores, conhecido nas rodas como o *Fundo das Putas*. Ali estava a garantia da aposentadoria, a compensação da moça para as fases de descenso. Também contava muito o fato de Luizão ser o menos ganancioso dos cafetões do Rio de Janeiro. Tinha orgulho de não explorar vilmente suas mulheres. Também não as obrigava a ficar com ele sob ameaça, com faziam outros.

Por isso tudo, e também por seu incrível charme, sua beleza, sua simpatia, seu bom humor, seu carisma, Luizão era considerado o rei da cafetinagem carioca. E no bom sentido, veja-se bem. Trabalhar para Luizão era uma espécie de privilégio, havia filas de moças querendo ingressar no seu elenco. Mas Luizão não era nem afoito nem ganancioso. Não mordida mais do que podia engolir. Não pegava mulher nova para descartar a mais antiga, já na última fase. Primeiro conduzia esta a uma aposentadoria digna, ou ao desligamento de sua equipe, caso a mulher quisesse continuar no calçadão por conta própria, o que equivalia, na prática, a se deixar envolver por outro cafetão, certamente sob condições bem piores, condições de exploração servil. Seu trabalho tinha ordem, método e número certo de vagas em cada categoria, em cada nível de ascenso ou descenso, que ele classificava como Séries A, B e C, como é feito no futebol profissional.

Esse era o sábio Luizão e seu sobrinho tinha o incrível privilégio de poder beber na fonte toda essa sabedoria. Foi por isso mesmo que, tão logo chegou à noite em Aracaju e obteve registro (de marido e mulher) em um hotelzinho no centro, passando uma grana extra para o recepcionista fazer vistas grossas à evidente menoridade da menina, o rapaz deixou a

garota no quarto e foi ligar para o tio, lá da portaria. Mas, apesar de ser só onze horas da noite, não conseguiu localizá-lo, nem no fixo nem no celular. Tinha uma notícia maravilhosa para dar, mal podia aguardar mais umas horas, mas... que remédio!

Foi ao entrar de volta no quarto que a atenção do rapaz foi chamada por uma coisa diferente: a garota levou um susto com a sua chegada, estava olhando dentro de sua bolsa e fechou-a maquinalmente, dando um pulo.

– Que foi? Que susto foi esse?

– Nada, não – recompôs-se a menina – Eu é que sou abestada, me assusto com qualquer coisa. Você entrou tão de repente...

Devia ser isso mesmo, mas uma impressão de coisa estranha ficou em sua mente. Ficou curioso, queria saber o que tinha naquela bolsa. Resolveu esperar que a moça dormisse para fuçar dentro dela. Foi para o banho, porque viu que ela já tinha se banhado e perfumado, o que queria dizer, na linguagem dela, que ia ter sessão aquela noite, independente de tensão ou cansaço de viagem. Voltou, desempenhou por uma hora inteira e caíram a seguir os dois, dormindo profundamente.

Uma hora depois o despertador do celular do rapaz tocou e ele, rapidamente desperto, apertou logo o botão, silenciando o alarme. O celular era daqueles com lanterna, de forma que foi muito fácil certificar-se que a menina dormia de verdade e sair à busca da famosa bolsa. Não a encontrou de jeito nenhum, por mais que olhasse em todos os cantos, no único roupeiro exíguo do quarto, no minúsculo banheiro. A companheira havia *escondido* a bolsa e isso foi o sinal que lhe faltava. Ali tinha coisa, sim, e não devia ser pouco. Bem, dinheiro, com certeza, não era. Sabia que ela não tinha nenhum e que fugira

como ele, às carreiras e pelada, não tinha como pegar nada de valor nessas condições, vira-a sair do hotel com aquela bolsa e com umas roupas e umas sandálias nas mãos.

No outro dia, na hora de sair do banheiro para descender para o café da manhã, a bolsinha estava de novo na mão da garota. E ela não desgrudava da bolsa por nada, levava-a a tiracolo ao apanhar os pães, frutas, suco e café. Testou-a então, sugerindo que deixasse a bolsa na cadeira, quando ela voltou ao balcão para pegar mais suco; mas a menina se fez de desentendida, fez que não ouviu. Para o esperto carioca, agora era só uma questão de repetir a busca.

Precisava dar uma canseira na menina aquela noite, para fazê-la dormir como uma pedra. Só que isso era mais fácil pensar do que fazer. Era mais provável que ele pedisse água e tombasse como uma pedra, depois da refrega da noite. Decidiu dividir o risco: um pouco de manhã, um pouco à noite. Depois do café, levou-a a reboque escada acima, mostrando a premência do seu desejo, o suficiente para incendiar o dela. Passaram então o resto da manhã na cama, agindo, descansando, cochilando, agindo de novo, descansando. Saíram para almoçar, lá pelas três, na praia de Atalaia.

De noite, um cineminha e nova função. Agora o carioca deu tudo de si, quase se acaba, a respiração escassa, a musculatura doendo, o herói já arreando – e nada da menina se dar por satisfeita. Teve que pedir arrego, paciência... Mal teve forças de ir ao banheiro acertar o celular, mas desta vez deu-se quatro horas para dormir e se recuperar. Ao voltar para o quarto, jogou-se na cama e ressonou imediatamente. Ressonou, não dormiu. Mas a moça achou que ele tivesse mesmo arreado e saiu pé ante pé para o banheiro. Com o olho entreaberto, o surfista viu que a companheira ia para o banheiro levando a tal bolsa escondida pelo corpo. Trancou a porta e, depois de um